

Phillip BACKLEY. *An Introduction to Element Theory*.
Edinburgh: Edinburgh University Press. 2011. xiv + 210 pp.
ISBN: 978-0-7486-3743-0

João Veloso
jveloso@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

1 – Este livro põe-nos ao alcance de uma introdução a um conjunto de propostas teóricas acerca da estrutura interna dos segmentos fonológicos que se pode designar por “fonologia dos elementos” (FE)¹. Na base destas propostas, encontramos a ideia de que os segmentos fonológicos são decomponíveis em unidades menores, hierarquicamente organizadas no interior de cada segmento.

Assim formulada, esta proposta não corresponde, de forma alguma, a um postulado inteiramente original da FE. A aceitação da possibilidade de se analisar os fonemas em unidades “subsegmentais” encontra raízes, p. ex., já na própria fonologia estruturalista, como se torna patente quer na teoria das oposições fonológicas de Trubetzkoy (é com base nas relações entre fonemas assentes nas propriedades distintivas destes que se constrói a “teoria das oposições fonológicas” de Troubetzkoy 1939), quer, sobretudo, na teorização do fonema como um “feixe de traços” preconizada por Jakobson (1963). Por outro lado, é lícito ver nestas primeiras propostas do fonema como uma unidade divisível em entidades de outro nível um importante precursor para as noções de “traço” e “autossegmento” **enquanto unidades fonológicas** que iremos

¹ Ao contrário de designações como “fonologia autossegmental” ou “fonologia prosódica”, a expressão “fonologia dos elementos”, que usaremos nestas notas, não se refere a uma corrente teórica individualizada, remetendo antes para um conjunto de propostas aceites por quadros teóricos distintos como a “fonologia das partículas” de Schane (1984), a fonologia das dependências (Anderson & Ewen 1987; Van Der Hulst 1989), a fonologia do governo (Kaye, Lowenstamm & Vergnaud 1985) e a fonologia declarativa (Scobbie et al. 1996; Angoujard 2003; 2006).

encontrar em vários modelos da fonologia generativa, com destaque, neste momento, para o modelo *standard* (Chomsky & Halle 1968), a geometria de traços (Clements 1985; Clements & Hume 1995) e a fonologia autosssegmental (Goldsmith 1990).

A “fonologia dos elementos” (de certa forma inaugurada pela “fonologia das partículas” de Schane 1984) que constitui o cerne do livro em apreço nesta recensão pode ser vista, até certo ponto, como parte dessa tradição “atomista” da fonologia segmental, na medida em que concebe os segmentos como a combinação complexa e estruturada de unidades não segmentais. Porém, distingue-se dos modelos anteriormente citados por propor que os segmentos e os seus constituintes (*partículas*, na terminologia de Schane (1984) e Brandão de Carvalho (1993), ou *elementos*, nos termos seguidos pelo livro de Phillip Backley e pela generalidade dos autores citados na nossa nota 1) *partilham da mesma substância*. Estabelecendo uma analogia explícita com as cores (todas as cores correspondem ou à ocorrência de três cores “primárias” – vermelho, azul e amarelo – em estado puro ou à combinação destas em “cores secundárias”, não havendo qualquer distinção ontológica entre umas e outras – umas e outras são cores), Schane (1984: 150) e Brandão de Carvalho et al. (2010: 87), entre outros, defendem que todas as vogais² correspondem à ocorrência isolada ou combinada de três vogais “puras” (“primitivas”), designadas em abstrato por |A I U|³. Estes *elementos*, de acordo com Boltanski (1999: 77 ss.) ou Brandão de Carvalho et al. (2010: 89 ss.), entre outros, têm uma forte motivação fonética, são universais e têm uma estrutura unária. Esta última característica, combinada com o número muito restrito de elementos, resolve um problema não solucionado pelos modelos binários da fonologia generativa: impede a sobregeração de segmentos/inventários de segmentos (Kaye 1990; Boltanski 1999: 77).

2 – Neste livro, o Prof. Phillip Backley, conhecido fonólogo da Universidade de Tohoku Gakuin (Japão), autor de uma considerável obra

2 Apesar de explorações como as de Scheer (1998) e Angoujard (2006), que tentam aplicar a FE à descrição dos sistemas consonânticos (tal como o livro de Phillip Backley, como adiante veremos), este modelo tem sido especialmente adotado em investigações acerca das propriedades das vogais e dos inventários vocálicos.

3 A notação dos elementos diverge formalmente de autor para autor; neste texto, seguiremos a convenção adotada pelo autor do livro recenseado, simbolizando os elementos por letras maiúsculas isoladas por traços verticais (|A I U|).

anterior nos domínios da geometria de traços, da fonologia prosódica e da fonologia das dependências, propõe uma introdução *exaustiva e atualizada* deste quadro teórico. O autor, ao longo das cerca de 200 páginas de texto, revê aprofundadamente todas as propostas explicativas da FE, fundamentando todas as informações com argumentos plausíveis, apoiando-se em bibliografia abrangente e atualizada e ilustrando todos os pontos de vista com exemplos de inúmeras línguas. Como veremos no seguimento destas notas, um dos méritos deste livro consiste ainda no alargamento da FE a domínios que não são os mais tradicionais nesta abordagem teórica.

O livro divide-se em cinco capítulos, antecedidos por um índice geral (pp. v-vii), uma lista de figuras (pp. viii-ix), uma lista de quadros (p. x) e um prefácio de autoria do próprio autor (pp. xi-xiv), e seguidos por um índice de línguas citadas (pp. 207-208) e por um índice temático (pp. 209-210).

No primeiro capítulo – “A Theory of Elements”, pp. 1-16 –, o autor apresenta alguns dos pontos centrais da teoria, como a divisibilidade dos segmentos e a relação hierárquica entre os seus constituintes (pp. 1 e ss.), o unarismo (pp. 7 e ss.) e a aplicação da teoria à explicação dos processos fonológicos (pp. 11 e ss.).

O segundo capítulo – “Elements for Vowels”, pp. 17-61 – debruça-se sobre o domínio da fonologia segmental que tem constituído, como já foi referido, o principal campo de investigação em FE: a descrição dos sistemas vocálicos. Além da exposição dos aspetos centrais da teoria, como a descrição e justificação dos elementos básicos e universais |A I U| e as relações de dominância que eles estabelecem entre si para a distinção entre todas as vogais (pp. 18 e ss.), este capítulo inclui informação relevante sobre aspetos mais problemáticos ou inovadores, tais como a especificidade das vogais centrais (pp. 31 e ss.), que colocam o problema de não serem caracterizáveis por nenhum desses elementos e que o autor propõe como “vogais vazias” (pp. 34 e ss.). Um ponto muito importante deste capítulo e que merece especial destaque nestas notas é a relação que o autor estabelece entre os elementos |A I U| e as configurações acústico-espectrográficas que lhes estão associadas. Este ponto do livro constitui um dos contributos mais originais da obra: noutros títulos de carácter introdutório que se debruçam também sobre os elementos (cf., p. ex.: Boltanski 1999: 77 ss.; Brandão de Carvalho et al. 2010: 89 ss.), estes são basicamente definidos em

função de configurações articulatórias ($|A|$ = abertura; $|I|$ = palatalidade; $|U|$ = labialidade). Neste livro, Backley, seguindo Harris (1994), associa estes três elementos a configurações espectrais típicas, que se revelarão úteis, em pontos mais avançados do livro, para a extensão desta proposta descritiva a aspetos como os pontos de articulação consonânticos ou a caracterização das semivogais, ditongos e consoantes soantes. São assim identificados três padrões acústicos associados a cada elemento vocálico (pp. 22-23 e ss.): “dlp” (= $|I|$, com picos espectrais nos 500 e 2500 Hz); “rUmp” (= $|U|$, com dois picos espectrais baixos e concentrados abaixo de 1 kHz); e “mAss” (= $|A|$, com dois picos espectrais concentrados na frequência de 1 kHz).

Nos capítulos 3 – “Place Elements in Consonants”, pp. 62-113 – e 4 – “Manner Elements in Consonants”, pp. 114-164 –, o autor aprofunda um domínio tradicionalmente secundarizado pela fonologia dos elementos (que, como dissemos, tradicionalmente concentra as suas explicações no estudo dos sistemas vocálicos): a descrição dos sistemas consonânticos, incluindo, entre outros, aspetos como a distinção tradicional consoante/vogal/semivogal (pp. 62 e ss., pp. 65 e ss.) e os diversos tipos consonânticos (pp. 115 e ss.). As tradicionais divisões das vogais por ponto de articulação são descritas, no cap. 3, recorrendo-se aos mesmos elementos $|A| |I| |U|$ que servem de base à descrição dos sistemas vocálicos, o que leva o autor a propor uma “unidade vogal-consoante” (pp. 62 e ss.) (visão compatível com a tradição de outras obras de fonética britânica, como Catford 1988).

No capítulo final do livro – cap. 5, “Liquids, Licensing and Antagonistic Elements”, pp. 165-206 –, o autor trata de integrar numa explicação compatível com o modelo da FE a classe das líquidas, difíceis de definir em termos puramente articulatórios ou mesmo fonológicos. Partindo dessa indefinição – leia-se, a propósito, o que é dito acerca da natureza das “vibrantes”: “The term ‘rhotic’ is notoriously vague, as is the generic symbol *r* used for signifying rhotic consonants. The class of rhotics takes in a wide range of segment types including several ‘manner’ categories (trills, taps, approximants, fricatives) and place categories (alveolar, retroflex, uvular).” (p. 168) –, propõe-se que a oposição entre laterais e róticos, com base na observação do seu comportamento fonológico em termos de FE, resida numa oposição entre a ocorrência de $|A|$ não combinado com outros elementos

(= róticos) e a combinação de |A| combinado com outros elementos (|I| e elementos de modo de articulação consonânticos, no caso das laterais).

Ainda neste capítulo final, o autor envereda por caminhos tradicionalmente não contemplados pelos estudos de FE: as estruturas prosódicas, como a sílaba, o pé e a palavra prosódica, explicados como domínios de proeminência dos elementos segmentais legitimados por cada um deles.

3 – Dissemos, no início destas notas, que as assunções e propostas que subjazem à chamada “fonologia dos elementos” não se encontram sistematizadas em obras programáticas que façam desta conceção da estrutura segmental uma corrente teórica individualizada na história da fonologia. Com este livro, podemos dizer que é dado um passo importante nessa sistematização, pois passamos a dispor, numa só obra, dos principais argumentos que corporizam um entendimento muito particular – e, a nosso ver, produtivo – da arquitetura segmental. O livro, pela abrangência, profundidade e atualização dos conhecimentos que transmite e das fontes de que se serve, oferece-se como um valioso instrumento de estudo e de trabalho nesta área. Por outro lado, há que sublinhar uma vez mais que esta obra se distingue ainda de outras, dentro da mesma orientação teórica, por tomar em consideração questões e domínios que tais obras não abordam, tais como os correlatos acústicos dos elementos e a aplicação aprofundada do modelo às consoantes e aos fenómenos suprasegmentais.

Por todas estas razões, é de saudar a publicação deste livro, que, a nosso ver, se tornará uma referência imprescindível no capítulo da fonologia segmental.

REFERÊNCIAS

- Anderson, J. M. & Ewen, C. J. 1987. *Principles of dependency phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Angoujard, J.-P. 2003. Phonologie et diachronie. In: J.-P. Angoujard & S. Wauquier-Gravelines (Eds.). *Phonologie: Champs et perspectives*. Lyon: ENS Editions, 173-194.
- Angoujard, J.-P. 2006. *Phonologie déclarative*. Paris: CNRS.
- Boltanski, J.-E. 1999. *Nouvelles directions en phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Brandão de Carvalho, J. 1993. De quoi sont faites les voyelles? Phonologie tridimensionnelle des particules et harmonie vocalique. In: B. Laks & M. Plénat (Eds.). *De natura sonorum: Essais de phonologie*. Saint Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 65-100.
- Brandão de Carvalho, J., Nguyen, N. & Wauquier, S. 2010. *Comprendre la phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Catford, J. XC. 1988. *A Practical Introduction to Phonetics*. Oxford: Clarendon.
- Clements, G. N. & Elizabeth V. Hume. 1995. The internal organization of speech sounds. In: J. Goldsmith (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge MA: Blackwell, 245-306.
- Clements, N. 1985. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*. 2: 225-252.
- Goldsmith, J. 1990. *Autosegmental and metrical phonology*. Cambridge MA: Blackwell.
- Harris, J. 1994. *English Sound Structure*. Oxford: Blackwell.
- Jakobson, R. 1963. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit.
- Kaye, J. 1990. The strange vowel sets of charm theory: the question from top to bottom. *Journal of Linguistics*. 26: 176-177.
- Kaye, J., Lowenstamm, J. & Vergnaud, J.-R. 1985. The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. *Phonology Yearbook*. 2: 305-328.
- Schane, S. A. 1984. The Fundamentals of Particle Phonology, *Phonology Yearbook*. 1: 129-155.
- Scheer, T. 1998. La structure interne des consonnes. In: P. Sauzet (Ed.). *Langues et Grammaire (II-III): Phonologie*. Saint Denis: Université de Paris 8, 141-172.
- Scobbie, J. M., Coleman, J. S. & Bird, S. 1996. Key Aspects of Declarative Phonology. In: J. Durand & B. Laks (Eds.) *Current Trends in Phonology: Models and Methods*. Manchester: ESRI/University of Salford, II, 685-709.
- Troubetzkoy, N. 1939. *Grundzüge der Phonologie*. Trad. Fr. De J. Cantineau: *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1977.
- Van Der Hulst, H. 1989. Atoms of Segmental Structure: Components, Gestures and Dependency. *Phonology*. 6(2): 253-284.